

SINCRETISMO, CULTURA E TRADIÇÃO: DIÁLOGOS

Talita Ariane da Silva Ferreiraⁱ

Palavras-chave: Religião, congados, sincretismo, Barbacena.

Resumo

O presente trabalho pretende discutir a forma sincrética e plural do catolicismo popular que sobrevive ainda que em realidades conservadoras. Pensando a cidade de Barbacena, marcada por uma maioria católica bem acima da média nacional e por aparente conservadorismo, procurou-se observar os movimentos diversificados que ocorrem no interior desta supremacia católica. Para compreensão deste fenômeno fez-se um recorte: a atuação da Banda de Congada Nossa Senhora do Rosário de Santa Efigênia especialmente na paróquia na qual se constituiu, através dele pretende-se discutir as formas com as quais o tradicionalismo católico, presente no campo religioso da cidade de Barbacena, se apropria das intervenções deste grupo, em inúmeras celebrações festivas, e como se dá esta relação entre as partes. Para compreensão deste universo, além do trabalho de observação destas festividades, fez-se uso de entrevistas, como forma de ativar a memória dos atores envolvidos nessa relação. Pretende-se, assim, uma interpretação das particularidades que rearranjaram a relação entre a Igreja e os Congados, as apropriações, articulações e as disputas pelos bens simbólicos que acontecem dentro do campo religioso em questão.

Introdução

O confronto entre a ideia de tradicionalismo e uma prática que já se tornou tradicional, por estar presente há dois séculos na história do país, pode parecer inicialmente controverso. Então, por que confrontá-las?

ⁱ *Graduanda, 5º período de Ciências Sociais.*

*Universidade do Estado de Minas Gerais- Unidade Barbacena
talitasilvaferreira@yahoo.com.br*

O termo tradição traz consigo duas definições que embora muito próximas denote imagens muito diferenciadas. A primeira delas diz respeito àquilo que é transmitido, que é entregue, o que pressupõe movimento. E uma segunda definição que diz respeito à permanência, aos valores que estão postos e, que de alguma forma caracterizam não uma inércia, mas um fator estrutural que interfere no ritmo das mudanças. Partindo desta premissa é possível fazer uma analogia com os dois objetos aos quais se dirige este trabalho. A Banda de Congada Nossa Senhora do Rosário de Santa Efigênia, enquanto um elemento da tradição que garante a consciência histórica da cultura local. E o tradicionalismo expresso pela supremacia católica e os traços de manutenção de status quo que se relacionam diretamente com o interesse dos dominantes.

Uma das hipóteses abordadas é a manutenção de manifestações sincréticas através de algumas concessões feitas pelas duas partes. De um lado os praticantes que mantêm determinadas práticas apenas dentro de seu universo particular, de outro a Igreja Católica que se adapta dentro de seu pluralismo e seus fiéis que na maioria das vezes observam esta manifestação como uma apresentação artística, o que impede que o conservadorismo rejeite determinadas práticas. No entanto, mesmo crivada por um visível conservadorismo, dentro da relação da Igreja Católica com este grupo, existe um fator que denota uma peculiaridade um tanto inovadora. A participação do grupo em eventos outros que não os comumente dirigidos aos seus santos de devoção. O que nos aponta outra hipótese que se pretende discutir neste trabalho a forma como a Paróquia na qual estão inseridos se apropriou das características artísticas desse grupo, para “abrilhantar” seus eventos. O objetivo é discutir como catolicismo popular, enquanto manifestação plural incorpora e como seus membros, mesmo imbuídos no seu tradicionalismo, interpretam as manifestações diversas que despontam ao longo do tempo.

Barbacena se apresenta como uma tradicional cidade mineira, com mais de duzentos anos de história e um catolicismo tricentenário, pensando-se que o primeiro templo católico construído, a Capela de Nossa Senhora da Piedade, foi erguido por bandeirantes no final do século XVII. A história da gênese desta cidade pode ser contada por uma relação direta com a Igreja Católica. A cidade que anteriormente era habitada por índios Puris, foi se desenvolvendo a partir do momento em que se constituiu como ponto estratégico no ciclo do Ouro e durante a Inconfidência Mineira e

CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Juiz de Fora, n. 24 (2017) Dez., pp. 1-309.

teve como atores relevantes destes momentos homens que guardavam estreita relação com a Igreja, como alguns sacerdotes de merecido destaque no cenário sócio-político da época. Após o auge da mineração que colocara Barbacena como importante ponto de comércio, já que era uma rota importante entre a nova Capital do Império e as antigas áreas mineradoras, firmou-se como área agrária e escravagista voltada ao mercado interprovincial. Assim, a cidade de Barbacena, também foi constituída por negros africanos e seus descendentes, e conseqüentemente pelos elementos culturais por eles trazidos.

Ainda que vários elementos étnicos tenham participado de sua construção, o que se pode observar é que, passados alguns séculos, vê-se que a cidade ainda guarda um elo concreto com a Instituição que integrou sua gênese. Contrariando uma tendência que se manifesta no Brasil de declínio do número de católicos, o Censo 2010 mostra que Barbacena mantém uma supremacia católica, com 86,95% da preferência entre os declarantes que responderam ao censo, número bem acima dos 64,6% da média nacional.

O Brasil tem em seu campo religioso marcas profundas da imposição histórica do catolicismo, mesmo não sendo dada como religião oficial, ela ainda tem a forte presença de seus símbolos. Com todas as suas nuances regionais, o país apresenta diferentes graus de domínio, bem como de supressão deste vínculo histórico. Embora a cidade em questão apresente um vínculo maior com a Igreja Católica e com suas tradições, estes dados não caracterizam uma realidade estática, mas um dado instrumental que pode e deve ser posto em debate. Além de não significar a ausência de influências de elementos culturais que, incorporados à prática católica dão a ela características próprias. Por este motivo que pode-se pensar numa tradição que guarda no seu interior um movimento. Este movimento de alguma forma revela a porosidade das religiões na modernidade. Para Sanchis o próprio catolicismo em sua constituição torna-se propenso ao sincretismo:

(...) o 'catolicismo' tende articular a dimensão da fé com a do aparelho institucional que acompanha qualquer 'religião' como fenômeno antropológico. Uma 'fé', sim, mas em forma de 'religião'. Daí que sua estrutura organizacional, sua visão de um universo mediador do sagrado, seu culto carregado de presença corporal e cósmica o condicionem a cotejar-se, em seu próprio e em nível equivalente, com outras religiões.

Naturalmente, as reinterpretações mútuas poderão ressemantizar elementos de uma e outra identidades. (SANCHIS, 2001, pág. 24).

O sincretismo religioso, enquanto mistura das religiões acontece em todas as sociedades globais e, que em sua maioria são cristãs, e esta mistura é que desenha os contornos locais das mais tradicionais religiões e que permite que ela crie uma identidade local. Portanto pensar a Banda de Congadas, dentro do conservadorismo do campo religioso de Barbacena é uma forma de se observar como de fato os movimentos do catolicismo popular acontecem de forma muito efetiva no Brasil, mas de forma alguma constituem uma ameaça para sua institucionalidade, já que de algum modo são um recurso para uma maior adesão popular. Este movimento denota o caráter aglutinador do catolicismo, o que Faustino Teixeira (2009) chama de “*dinamismo de reinvenção permanente*”. É este dinamismo que mantém uma estrutura de base católica, mesmo que este catolicismo se manifeste de forma plural, esta base ainda mantém sólida a hierarquia e os elementos de fé.

Relação entre as partes

“(...) ‘sincretismo’ é parte das mais antigas tradições e, ao mesmo tempo, das emergências da mais atual ‘modernidade’.” (SANCHIS, 2001. pág.47).

A prática dos Congados tem muito a dizer sobre a forma como o Catolicismo foi imposto no Brasil durante a colonização, no entanto, sua manifestação em seus membros, hoje, deixam claro que esta Religião foi absorvida e que seus membros de fato são fiéis às práticas, ainda que elas se deem através de ritos que contrastam com os ritos colocados pelas autoridades da Igreja. Os movimentos corporais intensos, o ritmo pulsante pelo qual manifestam sua fé e devoção, contrastam com a ritualística comedida e contemplativa dos demais fiéis. Entretanto, desde o início as concessões das partes, participaram da constituição do campo religioso brasileiro. Desde os jesuítas a Igreja Católica percebeu, intuitiva e/ou racionalmente que os elementos de outras culturas

religiosas precisavam de alguma forma ser aceitos, como condição *si ne qua non* de sobrevivência. Toda violência e etnocídio por si só não garantiriam a absorção dos elementos religiosos de seus impositores. A partir da observação deste grupo pode-se pensar a trama da relação que envolve a forma pela qual foi absorvida a presença dos negros dentro do catolicismo popular, e os diversos símbolos produzidos, bem como as significações dadas pelos membros do Congado.

Em Barbacena, o congado existia de forma autônoma na comunidade de Santa Efigênia, bairro periférico da cidade, antes mesmo da construção da Igreja. A partir das falas de um líder religioso que está há mais de cinquenta anos na paróquia que abrange a comunidade onde nasceu o grupo, traçou-se alguns paralelos, entre o posicionamento da Igreja e algumas teorias, que debatem a relação entre a instituição e a fé.

Segundo relato do pároco - atuante há mais de 50 anos na paróquia da qual esta comunidade faz parte – a relação destes com a Igreja tem origem num convite feito pelos membros da banda à época do início da paróquia:

Quando eu vim pra cá [Paróquia de Santo Antônio] havia um grupo ali perto do Santa Efigênia, um pouco antes de subir, tinha um grupo que se reunia lá tal e, tinha uma festa que eles faziam, e queria que eu fosse lá pra participar pra ver. Falei que acharia melhor até que, se eles quisessem, ia celebrar uma missa. Aí eles levaram até susto porque, eles falaram que tem muitos padres que não aceitam, que não sei o que... Isso aí depende de cada um, não é?! Então, eles inicialmente olharam um pro outro assim, e o chefe deles, esqueci o nome dele, tem bastante tempo, tem mais de cinquenta anos... Então, nós conversamos, e eles ficaram até entusiasmados, não, nós queremos sim e tal, porque tava, uma mistura danada de benzeção, umbanda, uma confusão que eles estavam, que todos eram católicos, mas todos frequentavam sessões disso, sessões daquilo, não sei o que. Então aí eu falei, oh! Eu venho celebrar a missa e vocês veem com essas fantasias que vocês tem, e durante a missa, e naquela época era tudo em latim, e durante a missa quero que vocês cantem também, as músicas que vocês cantam, mas eu quero ver a letra, que vocês estão cantando, como vocês estão aí, a letra que vocês estão aí repetindo (...).

Pensando que naquele momento estava em formação uma paróquia e que, para tal, era necessário um corpo de fiéis, pode-se inferir que a relação naquele momento

constituía-se como um passo importante para adesão de um grupo que de algum modo já estava presente e atuante neste espaço que seria abraçado pela nova paróquia, grupo este que já exercia alguma forma de protagonismo e que mais tarde participaria ativamente da construção de mais um templo católico que integraria a recém-instituída paróquia – a Igreja de Santa Efigênia. Pode-se pensar neste momento como uma gênese de um micro campo religioso. Para que de fato aquele espaço em formação se constituísse de fato um espaço de domínio católico, os bens religiosos não poderiam estar vinculados a um grupo periférico, de práticas questionáveis pela Igreja Católica. Fazia-se necessário manter as características de atuação de especialistas. De fato, em alguns grupos de Congado a Igreja não conseguiu este domínio, e estes grupos conservam ainda, relativa autonomia, mesmo que estando fadados a participarem de festas nos espaços que construíram pra si, ao contrário do grupo barbacenense que pelo menos dentro de sua paróquia é sempre convidado às mais diversas participações, o que não denota a ausência de conflitos. De fato, o aparelho religioso que se configurava na formação daquela paróquia, atendia aos objetivos que Bourdieu considerava como condicionantes de um estabelecimento efetivo de um aparelho religioso.

As diferentes formações sociais podem ser distribuídas em função do grau de desenvolvimento e de diferenciação de seu aparelho religioso, isto é, das instancias objetivamente incumbidas de assegurar a produção, a reprodução, a conservação e a difusão dos bens religiosos, segundo sua distância em relação a dois pólos extremos, o autoconsumo religioso, de um lado, e a monopolização completa da produção religiosa por especialistas, de outro lado. (BOURDIEU, 2011, PÁG.40)

Assim, ao aproximar-se daquele ambiente, que por sua autonomia conservava práticas profanas aos olhos da Igreja, criou-se um elo que guarda particularidades em relação a outras realidades, mesmo que não possa ser ignorada a relação de domínio:

A oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos, objetivamente definidos como profanos, no duplo sentido de ignorantes da religião e de estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado, constitui a base do princípio da oposição entre o sagrado e o profano e, paralelamente, entre a manipulação legítima (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria) do sagrado, quer se trate de uma profanação objetiva (ou seja, a magia ou a feitiçaria como religião dominada), quer se trate da profanação intencional (a magia como anti-religião ou religião-invertida). (BOURDIEU, 2011. Pág. 43).

O especialista em questão tomou para si uma postura que não excluía o grupo, mas que garantisse a ele uma proximidade, pela qual pudesse “orientar” as práticas do grupo. De fato essa proximidade aparentemente acolhedora podou elementos rituais significativos, como o levantamento de mastro que não foi realizado nas duas últimas festas acompanhadas (2015 e 2016). Considerando que o levantamento do mastro em geral é um marco ritualístico muito pontual nas festas dos congados, pode-se perceber que de alguma forma a concessão pode-se constituir uma ameaça aos elementos rituais do grupo.

Assim, observa-se que de fato, de alguma forma essa relação foi baseada em uma dominação institucional, mesmo que se possa analisar esta dominação, como uma dominação carismática weberiana, já que ambas as partes consideram muito inclusive os laços pessoais que nasceram desta relação. Enquanto grupo autônomo, a Banda de Congadas Nossa Senhora do Rosário de Santa Efigênia, muito pouco ou nada devia à Igreja enquanto instituição, o respeito e à fidelidade que guardavam, tinha muito mais haver com a fé, fé esta manifestada por rituais visto como profanos, ao qual o padre se refere como “*mistura danada*”. Mas como um grupo católico sempre haveria “códigos de condutas rituais”, que tratariam do que de fato era permitido ou não, pelo menos no que diz respeito ao que é feito na Igreja e/ou para a Igreja. Durante uma celebração, em uma festa em homenagem à Santa Efigênia o padre ao contar esta mesma história aos fiéis é muito mais direto, ao se referir aos “trabalhos” entre outros rituais de magia que eram feitos por este grupo, deixando claro para os fiéis que participavam daquela celebração, inclusive a Banda de Congada a qual se referia e mais um grupo congo convidado, o quanto era contrário àquelas práticas, reforçando que havia deixado isto claro, inclusive para os membros que, a época, compunha o grupo.

O Padre deixa claro em seu discurso, o passo que deu na direção do grupo, da iniciativa de oferecer a eles uma missa. Ora, para o grupo, composto por pessoas simples, já existia de fato uma forma genuína de manifestarem sua fé e, embora uma celebração fosse algo que lhes interessassem, pois em nenhum momento os membros, declaram outra religião que não a Católica.ⁱⁱ Seus ritos, mesmo que eles saibam, que de algum modo sejam condenados pela Igreja, são a manifestação mais genuína da fé que

ⁱⁱ Referência aos membros que participam ativamente das festas nas quais foi realizado o trabalho de campo.

guardam em seu subconsciente. Assim, de fato, aquele núcleo religioso que estava em vias de se estabelecer precisava daquelas pessoas. A tensão naquele momento não esta no grupo, mas na Igreja, que para manter-se precisa dos fiéis, para que se estabeleça como mediadora deste com o Sagrado. Sanchis, ao falar de uma comunidade japonesa fundada por São Francisco Xavier, ilustra bem a necessidade deste peso institucional:

(...) é característico o fato de que essas comunidades conservaram a exigência radical da mediação e da instituição, tendo requerido- para reconhecer a legitimidade dos missionários que, mais tarde, os contataram – o duplo sinal da devoção a Maria e da obediência ao Papa. Em todo o caso, em condições ‘normais’, esta exigência faz histórica e empiricamente parte (não se trata aqui de teologia, de certo ou errado) dos requisitos indispensáveis para a existência e o funcionamento da Igreja. Uma Igreja marcada pelo peso institucional, por conseguinte por um peso de matéria. Uma Igreja ‘cós mica’, que se autoconcebe como levando a sério o princípio da ‘Encarnação’. (SANCHIS, 2009, pág. 188).

O termo religião, relacionado com as instituições que o regimenta seria insuficiente para discutir a fé, com toda a subjetividade que esta pressupõe. Os elementos simbólicos, e os ritos como manifestação prática de uma fé, têm muito mais a dizer do que a definição de pertença a uma ou a outra religião. O homem religioso, mesmo estando vinculado a uma instituição – estruturada e hierarquizada – tende a adquirir os elementos com os quais se identifica, reinterpretando-os e ressignificando-os para si.

É visível que a concessão mesmo partindo das duas partes, passa pelo domínio institucional da Igreja. Este domínio não anula as práticas rituais. A procissão da Bíblia, já há muito tempo presente na paróquia ilustra bem esta questão, a Banda de Congada participa da procissão, e mesmo estando dentro de um ritual muito demarcado por questões bíblicas tem um ritual particular nas encruzilhadasⁱⁱⁱ, rito este que passa despercebido pelo padre e pelos demais fiéis que acompanham a procissão. Mas que deixam muito bem ilustrada a presença de manifestações sincréticas. Se de fato existe uma intenção clara de uma oferenda, e a quem esta oferenda é direcionada, não é uma questão que nos interessa discutir neste momento. O que fica é que as práticas rituais,

ⁱⁱⁱ Embora aqui estejamos nos referindo ao cruzamento de ruas, para a umbanda é um lugar onde são feitas oferendas a Exu.

ainda guardam alguma relação com o sincretismo que deu origem aos congados. Assim, como a presença de diversos símbolos, presentes em suas vestes e em seus instrumentos. Símbolos estes não contemplados pela tradição institucional católica, como guias, pimentas, elementos naturais diversos, que são associados a magias diversas, dentro de universos que a Igreja toma como profanos.

Durkheim ao tentar compreender o fenômeno religioso no que tem de mais embrionário, ressalta a religião como um elo que liga de alguma forma a compreensão humana aos fenômenos naturais. Para ele: *“Apenas um pequeno número de espíritos está convencido da ideia de que as sociedades estão submetidas a leis necessárias e constituem um reino natural.”* (Pág.8). Partindo deste pressuposto pode-se observar uma nítida relação entre as festas folclóricas e o catolicismo popular e, em especial, como parte destes ritos surgiram como forma de pedir ou agradecer colheitas, pescas, chuvas entre outras benéficas da natureza que se relacionam às necessidades primeiras de sobrevivência destes povos. As festas de congados em geral acontecem entre o final do inverno e o início da primavera, época que pode ser diretamente relacionada à presença de chuvas fazendo assim um paralelo com a celebração da fertilidade, muito presente nos festejos religiosos populares. O que pode ser ilustrado também pelo fato de estas manifestações serem, em grande medida, originadas em localidades interioranas.

Ao pensarmos o interior do interior, constituído por uma comunidade de periferia no interior de Minas Gerais, conseguimos compreender que de fato, um líder que assume como postura o diálogo com a diversidade, colocando os pontos de vista da sua instituição, sem deixar de acolher as formas diversas de manifestação da fé, é um líder que compreendeu que o catolicismo é plural, e os riscos que envolvem o rechaço a esta prática, já que esta não dependem da sua aceitação, embora os praticantes de alguma maneira respeitem e demandem esse vínculo, eles guardam uma margem de autonomia em relação à Instituição, principalmente na sua forma mais popular, que se manifesta, especialmente, nos grupos sociais mais periféricos. Mesmo que fique claro que mesmo este acolhimento se configure em prejuízo para algumas práticas que precisam ser veladas, disfarçadas para que o grupo sobreviva, e possa expressar minimamente as particularidades da sua fé. Neste caso, a participação dos Congados nas mais diversas festas, é só um recorte das inúmeras pluralidades que acontecem nesta

paróquia. O que explica também o fato de a cidade se manter enquanto cidade tradicional, para as famílias tradicionais a quem interessa este tradicionalismo. O que diz respeito à tradição popular está de fato vivo nas comunidades, onde a fé, as crenças, ainda está relacionada às explicações dos fenômenos naturais da vida humana:

(...) assistimos à formação de um campo religioso em que os recortes, diferenças e eventuais oposições entre universos simbólicos e cosmovisões institucionalmente estabelecidos não correspondem necessariamente a experiências religiosas individuais, segmentarias mas não isolantes. Instaura-se assim, em torno das componentes “sincréticas” da cultura, uma verdadeira dialética. (SANCHIS, 2001, pág.27)

Considerações Finais

O que se pode dizer é que mesmo marcado pelo tradicionalismo, o catolicismo que impera como status quo da cidade de Barbacena, é também o catolicismo popular, plural, diverso, misturado. É neste catolicismo que essa multiplicidade de formas dá vazão ao sincretismo e à beleza das festas em homenagem aos santos, já que, grande parte das comemorações folclóricas do Brasil está ligada às datas dos festejos institucionalizados pela Igreja Católica. Neste contexto o Congado não guarda exclusividade, mas é um representante vivo desta riqueza. Mas para além das questões estéticas, que dariam um trabalho a parte, o Congado serviu aqui como ilustração para compreensão dos termos em que se estabelece o diálogo e o conflito entre a Igreja Católica, enquanto Instituição do aparelho religioso, altamente burocratizada e hierarquizada e as manifestações ligadas ao catolicismo popular.

Compreender as relações que se estabelecem entre as práticas individuais e coletivas no interior dos diferentes grupos que compõe a imensa diversidade católica leva-nos a refletir sobre o real significado da religião na sociedade contemporânea, bem como, leva-nos à reflexão sobre a cultura brasileira e como seus símbolos se redesenham a partir da compreensão de cada ator ou grupo de atores deste processo. Cada movimento realizado sinaliza as diversas nuances constituintes de nossa sociedade, seja no plano local, como a cidade em discussão, seja no plano nacional. Cada mistura contribuiu para o desenho atual, que não representa subculturas, muito menos sobras de antepassados e, sim uma figura pura construída a partir dos elementos que foram trazidos, incorporados e re-significados.

Ao adotar a ótica do sincretismo para discussão da relação que se estabeleceu entre as práticas abordadas nesse trabalho, não se pretende colocá-la como forma única de análise. Outros fenômenos integram as práticas religiosas, outros encontros, formas, trânsitos religiosos, são partes não menos importantes que as colocadas até aqui, e ficam como provocações para trabalhos futuros.

Pensar a memória destes atores enquanto instrumento reafirma o interesse que se tem de compreender a forma como eles se identificam, interagem e se posicionam bem como a forma como traçam as feições dos códigos culturais. Ao pensar a religião moderna como o lugar onde o homem religioso tende a subjetivar-se, o que é seu elemento de fé, tende a distanciar-se do caráter institucional da mesma.

Referências Bibliográficas

BOSI, Eclésia. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: Cia da Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. “Sociólogos da Crença e crença dos sociólogos”. In: Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. A Economia das Trocas Simbólicas. Organização de Sérgio Miceli. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A festa do santo de preto/ Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1985.

CÔRTEZ, Gustavo Pereira. Dança Brasil!: festas e danças populares/ Belo Horizonte: Editora Leitura, 2000.

DURHEIM, Èmile. As formas elementares da vida religiosa. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SANCHIS, Pierre (org.). Fiéis e Cidadãos: percurso do sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

TEIXEIRA, Faustino & MENEZES, Renata (org.). Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas/ Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_24.pdf